CORREIO BRAZILIENSE
BRASÍLIA, SEGUNDA-FEIRA, 29 DE NOVEMBRO DE 2004
Editor: Raul Pilati
e-mail: raul.pilati@correioweb.com.br
Coordenador: Carlos Alberto Jr.
e-mail: carlos.junior@correioweb.com.br
Subeditores: Maísa Moura e Sandro Silveira
tel. 214-1148 e-mail: negocios@correioweb.com.br

29 NOV 2004 CORREIO BRAZILIENSE

BOLSAS (Na sexta (em %))
+ 0,53 São Paulo
+ 0,02 Nova York

BOVESPA
Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos)
24.143 — 24.997
22/11 23/11 24/11 25/11 26/11

C-BOND
Título da dívida externa brasileira, na sexta
US$ 1,87
Estável

DÓLAR
Comercial, venda, sexta-feira (em R$)
2,734
(▼ 0,40%)

Últimas cotações (em R$)	
19/novembro	2,78
22/novembro	2,75
23/Novembro	2,74
24/novembro	2,75
25/novembro	2,74

EURO
Turismo, venda (em R$)
3,753
(▲ 0,27%)

OURO
Na BM&F, o grama (em R$)
R$ 39,650
(▲ 0,4%)

CDB
Prefixado, 31 dias (em % ao ano)
17,27

INFLAÇÃO

IPCA do IBGE (em %)	
Junho/2004	0,71
Julho/2004	0,91
Agosto/2004	0,69
Setembro/2004	0,33
Outubro/2004	0,44

DF

CUSTO DE VIDA

Renda acima da média nacional faz Fundação Getúlio Vargas lançar um Índice de Preços ao Consumidor apenas para o Distrito Federal. Indicador permitirá a elaboração de políticas públicas específicas para a região

Inflação candanga

VICENTE NUNES E MARIANA FLORES
DA EQUIPE DO CORREIO

Com a dona-de-casa Rosa Camelo Ferreira, 31 anos, não tem tempo ruim quando o assunto é pesquisa de preços. Pelo menos uma vez por semana, ela sai de sua casa, em São Sebastião, munida de um *palm top* (computdor de mão) para verificar os preços das mercadorias nos supermercados. Mas a pesquisa não serve apenas para consumo próprio. Rosa é uma das cinco donas de casa contratatadas pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) para levantar, periodicamente, uma lista de preços usada como referência para o cálculo da inflação do Distrito Federal.

O trabalho já dura cinco anos. Mas somente a partir do próximo dia nove os moradores da capital federal vão entrar na rotina mensal de saber como está o comportamento dos principais preços da economia local. Nesse dia, será lançado oficialmente o Índice de Preços ao Consumidor do DF (IPC-DF). Com isso, Brasília será a quinta capital do país a ter um índice próprio de inflação calculado pela FGV. As outras são: Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Salvador.

"Por ser um mercado consumidor muito importante, com renda bem acima da média nacional, o Distrito Federal não podia mais ficar de fora do nosso roteiro", diz o economista Vagner Laerte Ardeo, vice-diretor do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre), o órgão da FGV responsável pela elaboração e cálculo dos índices de inflação. "Brasília tem características bastante distintas do restante do país. Em termos de poder de consumo, é muito mais parecida com as ricas cidades dos Estados Unidos", ressalta.

Alimentação

Essa semelhança com cidades americanas ficou clara à medida que o Ibre foi montando a série histórica do IPC-DF, iniciada em 2001. "Desde então, estamos criando um banco de dados que nos permitirá entender melhor a evolução dos preços no DF e a detalhar o perfil de consumo da região", explica Ardeo. Ele conta que um dado importante que saltou aos olhos da equipe do Ibre foram os gastos com alimentação. Como o DF tem renda muito superior às de demais cidades do país, o peso dos gastos com comida no orçamento familiar da cidade é bem menor do que o restante do Brasil: 20,17% contra 27,49%.

Outro dado curioso, segundo o vice-diretor do Ibre, está no grupo transportes. Na maior parte do país, as maiores despesas das famílias são com passagens de ônibus. Aqui, os gastos nesse grupo se concentram no transporte próprio. Ou seja, nas despesas com combustíveis (gasolina e álcool). Na média do Brasil, o transporte próprio pesa 6,72% do orçamento das famílias. No Distrito Federal, essa relação chega a 11,14%. Os gastos com transporte público urbano, por sua vez, representam somente 0,95% do orçamento das famílias brasilienses e quase cinco vez mais, 4,76%, no restante do país.

"Esses números mostram, de forma transparente, como o sistema de transporte público no Distrito Federal ainda é pouco desenvolvido", destaca Vagner Ardeo, convencido de que os números coletados pelo Ibre serão de extrema importância para o desenvolvimento de políticas públicas específicas por parte do Governo do Distrito Federal. "Ao se medir a evolução dos preços, tem-se um quadro claro da evolução da renda real da população", complementa o economista.

Vestuário

Especialista em análises econômicas do Ibre, André Furtado Braz diz que, pelo histórico do IPC-DF, a inflação do Distrito Federal está, na média, acompanhando a evolução dos preços no país. Entre janeiro e outubro, o IPC-DF acumulou alta de 5,23% ante os 5,22% do IPC-Brasil. Ao destrinchar o índice, no entanto, percebe-se uma discrepância em alguns grupos de preços, muito em função da renda. É o caso do grupo de vestuário, que registra alta de 8,15% no DF e de 3,73% no Brasil. "Os preços das roupas e dos calçado variam muito de acordo com o poder aquisitivo. Como em Brasília a renda é maior, o comércio se sente mais à vontade para aumentar um pouco mais os preços", ressalta Braz.

Ele afirma que, das 12 capitais onde o Ibre está acompanha o comportamento dos preços, o Distrito Federal é a região que apresenta a maior renda média por habitante e a menor densidade demográfica. Um claro sinal de riqueza. Ele ressalta que, ao longo do tempo, é possível que o peso dos grupos que compõem o IPC-DF se altere, acompanhando a evolução dos preços relativos da economia. Quer dizer: o índice tem flexibilidade para expressar, da forma mais transparente possível, o perfil de consumo da população brasiliense.

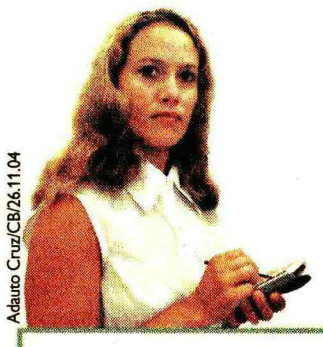
Braz comenta ainda que, além das cinco donas de casa que vasculham os supermercados do DF para monitorar os preços, um grupo de técnicos da FGV se encarrega de acompanhar os preços dos demais setores da economia, como os dos postos de combustíveis, dos serviços de energia elétrica, de telecomunicações e de transportes. "O IPC-DF terá a maior amplitude possível, para que realmente reflita a inflação de Brasília", destaca o especialista.

Vantagens

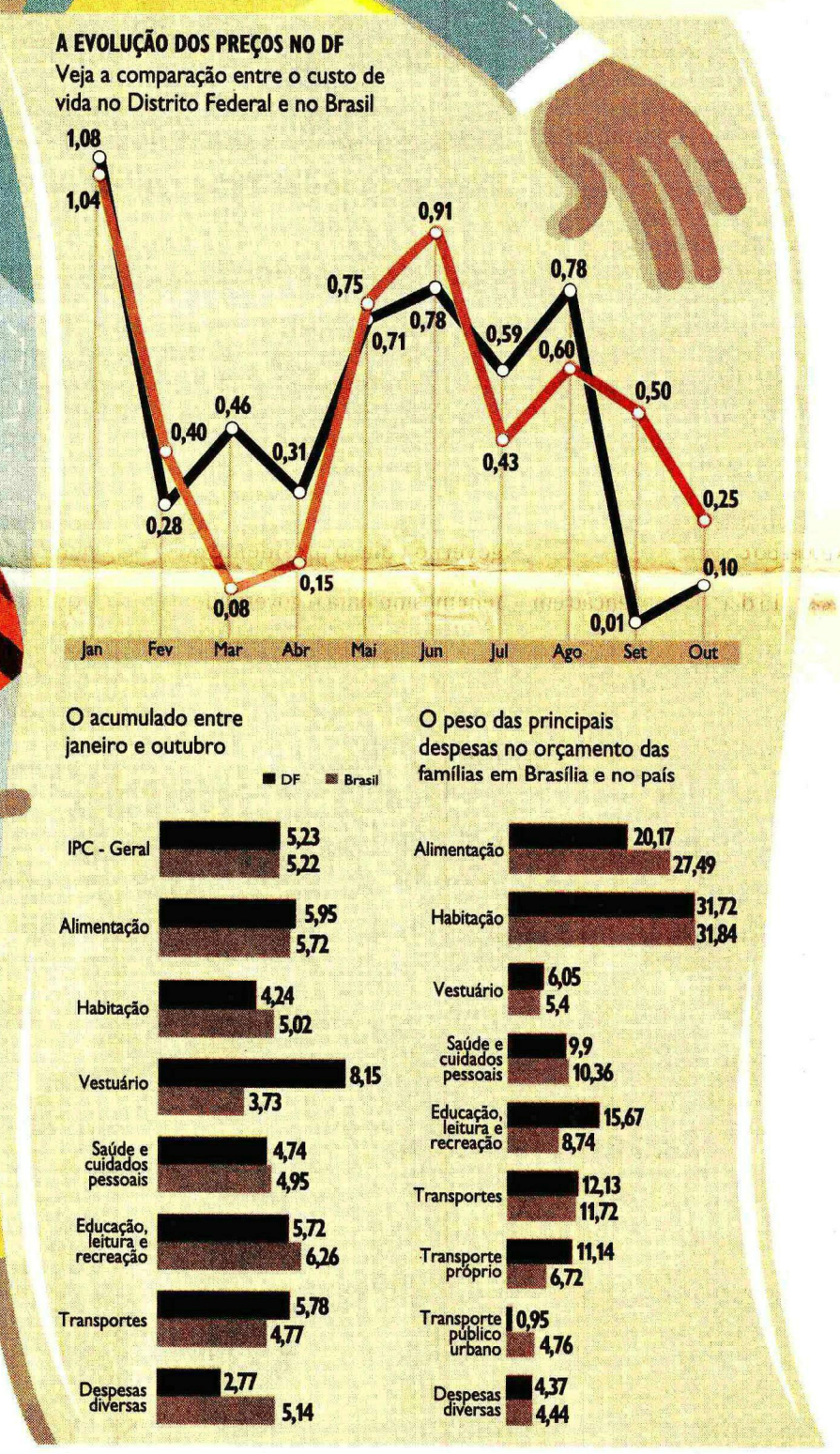
A dona-de-casa Rosa está entusiasmada com o trabalho desenvolvido pela FGV. Mas nem sempre ela deu importância para a pesquisa de preços. "Antes de ser contratatada pela Fundação, não me preocupava em comparar os preços, em procurar onde estavam as ofertas", conta. Depois de descobrir as vantagens da pesquisa e de sentir no bolso o quanto se pode economizar comparando preços, Rosa é radical. "Só compro onde está mais barato e pechincho o máximo possível", afirma.

Rosa diz que está tão familiarizada com os preços dos supermercados que já está dando consultoria às amigas sobre onde comprar mais barato. "Anoto desde o preço da cebola e do tomate até o do vinho", afirma. "Os preços variam muito ao longo de um mês e, sobretudo, de um supermercado para outro", assinala a dona-de-casa, que está incutindo no marido e no filho a cultura da pesquisa de preços.

Ultimamente, Rosa está incomodada com os preços da cenoura e do brócolis, que, segundo ela, têm oscilado demais nas últimas semanas. Neste mês, conta ela, a maior alta foi registrada nos preços da carne. O arroz, por sua vez, tem ficado mais barato. "Todo cuidado é pouco na hora de pesquisar preços. Chego a encontrar produtos com diferença de até 100% de uma semana para outra", alerta.


Adauto Cruz/CB/26.11.04

PESQUISA

"SÓ COMPRO ONDE ESTÁ MAIS BARATO E PECHINCHO O MÁXIMO POSSÍVEL"

Rosa Camelo Ferreira, dona-de-casa e pesquisadora da FGV